

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Raúl Ruiz – A Imagem Estilhaçada (Parte III - Conclusão)
7 de Outubro de 2024

PETIT MANUEL D’HISTOIRE DE FRANCE / 1979

um filme de Raúl Ruiz

Realização e argumento: Raúl Ruiz / Montagem: Valeria Sarmiento / Música: Jorge Arriagada / Decoração: Alain Hecquard / Guarda-Roupa: Elisabeth Cuvelier / Interpretação: Anne Alvaro (Louise), Jean-Claude Wino (Leonard), Melvil Poupaud.

Produção: INA collection Rue des archives, FR31979 / Cópia: em ficheiro digital, legendada electronicamente em português / Duração: 118 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Organizado em duas partes, sendo a primeira, “Dos Antepassados Gauleses à Tomada do Poder por Luís XIV”; e a segunda, “Da Revogação do Édito de Nantes à Invenção do Cinema”), **Petit Manuel d’Histoire de France** é feito exclusivamente a partir de imagens de arquivo. Imagens identificadas no final, que embora contendo o seu próprio sentido, são aqui reapropriadas e transformadas pela montagem a que as submete Ruiz (e Valeria Sarmiento), ganhando novos sentidos.

Como escreveu Ian Christie na revista *Afterimage* (nº10, 1981): “Se Ruíz se tornou um ‘cineasta de televisão’ quase inadvertidamente... descobriu que as restrições da televisão, como as do exílio, podem ser bem aproveitadas... Duas estratégias principais enformam a abordagem de Ruíz relativamente à televisão: são a paródia e o literalismo, ambas calculadas para subverter o discurso televisivo normal. **Petit Manuel d’histoire de France**, encomendado pelo INA no âmbito de uma série de programas utilizando material de arquivo [Rue des Archives] não propõe nada menos do que uma história completa de França, tomando as inúmeras peças e séries dramáticas como matéria-prima e seguindo fielmente um consenso de cartilhas de história escolar.

É uma obra de pura colagem ou fotomontagem ao mesmo tempo hilariante e instrutiva, menos sobre a história francesa, do que sobre as convenções daquele equivalente moderno da crónica medieval, o drama histórico. Em vez de chamar a atenção para as ausências da tele-história francesa, para as suas (sem dúvida) evasões e distorções, Ruíz reforça massivamente as suas repetições e estereótipos até ao excesso narrativo e ao absurdo – como quando intercala nada menos que quatro “Jeanne d’Arcs”, e quando os mesmos actores recorrem em papéis característicos ao longo da ‘história’, reduzindo assim a ideia de ‘grandes homens’ a uma série de papéis principais.”

Na mesma revista, numa entrevista a Raul Ruíz, o cineasta revelou a Ian Christie e a Malcolm Coad alguns detalhes adicionais desta incursão televisiva, que tudo ganha em ser contextualizada:

“Interessei-me pelos grandes frescos quando estava a fazer **L'Hypothèse du Tableau Volé**, e pela primeira vez estudei a pintura oficial do século XIX. Esta representação característica da ascensão da democracia e do capitalismo é comum tanto à França como à Grã-Bretanha. Interessei-me por todas as formas de arte oficial, incluindo o realismo socialista, e pela primeira vez vi a pintura como um verdadeiro espaço de luta política. Talvez a perseguição aos artistas – ou a importância que lhes é dada nos países socialistas e em tempos de luta noutros lugares – seja uma forma de economia, concentrando a luta de uma forma simbólica. Como resultado, passei a respeitar mais este trabalho e o seu significado.

Coloca-se então a questão: que tipo de arte oficial? Deverá ser a arte política que reflecte as aspirações do Estado, ou será o modelo de um Estado futuro? E há também a questão da arte dissidente, que não é oficial e, por isso, não é arte. Tentei aprender mais sobre arte oficial e isso levou-me a fazer **Petit Manuel d'histoire de France**, que é uma compilação de duas horas extraída dos piores grandes frescos da televisão francesa que tratam da história francesa.

Esta história estereotipada tem três origens em França – Victor Hugo, Alexandre Dumas e Jules Michelet – e parece ser a primeira expressão forte de uma história que vai das tribos primitivas à perfeição da sociedade, com uma sucessão de heróis como figuras-chave.

Curiosamente, os estereótipos são os mesmos da história latino-americana, e a ideia da “invenção” da América Latina não está longe da invenção virtual da França que ocorreu no século XIX.”

Partilhamos estes testemunhos, dado que face a um objecto como **Petit Manuel d'histoire de France**, interrogamo-nos sobre o que terá inspirado Ruiz a realizar um projecto tão distante do seu universo habitual, numa viagem que traça um inesperado retrato televisivo do país que o acolheu, e que tanto marcou os seus filmes.

J. A.